JCBS, V. 8, n. 3, p. 79 - 82, 2023

JORNAL DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS E SAÚDE

ISSN: 2446-9661

INFLUÊNCIAS DO BRINCAR DE FAZ DE CONTAS E A PRESENÇA DO AMIGO IMAGINÁRIO E AFECÇÕES NEUROPSIQUIÁTRICAS

INFLUENCES OF THE PRETEND PLAY, THE PRESENCE OF AN IMAGINARY FRIEND AND NEUROPSYCHIATRIC DISORDERS

Autores

Maria Eduarda Santos Ritt[1]

Vitor Afonso de Oliveira Andrade[2]

Rui Barbosa de Sousa Neto[1]

Filiação

1. Medicina, Universidade de Uberaba, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

2. Medicina, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Autor Correspondente

Rui Barbosa de Sousa Neto
ruineto85@hotmail.com

Resumo

Introdução: Os amigos imaginários são elaborações simbólicas que as crianças se utilizam para redução das tensões emocionais, como também, lidar com os conflitos infantis de ordem inconsciente. **Objetivo:** Buscar na literatura evidências acerca das influências do brincar de faz de conta e criação do amigo imaginário nas manifestações neuropsiquiátricas. **Métodos:** Revisão Integrativa da literatura nas bases de dados LILACS, MEDLINE, PubMed e CINAHL das produções dos últimos 10 anos. Os descritores utilizados foram: “Amigo Imaginário”; “Imaginação infantil”; “Brincar de faz de conta”; “Desenvolvimento infantil”, os quais foram conjugados para delimitação da busca. **Resultado:** Foram selecionados 6 artigos ao final das etapas de busca. Sendo o ano de 2021 o mais prevalente com 50% das publicações. Em relação ao país de origem dos estudos, 50% foram conduzidos no Brasil, seguidos pelos estudos realizados na Espanha, Estados Unidos da América e Reino Unido. No que tange a influência do brincar de faz de conta e presença do amigo imaginário não há efeitos deletérios, pelo contrário, crianças mais ludicas e criativas do ponto de vista da fantasia apresentam melhores controles inibitórios, lidam melhor com as adversidades e não estão presentes entres entre as queixas que levam os pais a procurar o atendimento psiquiátrico e/ou psicológico. **Considerações Finais:** o presente estudo busca contribuir de forma explicativa para a sociedade, que ainda desconhece o papel dos amigos imaginários para o desenvolvimento infantil, e a participação dos pais no jogo simbólico da criança.

Palavras-chave: Amigo Imaginário, Imaginação infantil, Brincar de faz de conta, Desenvolvimento infantil.

Abstract

Introduction: Imaginary friends are symbolic elaborations that children use to reduce emotional tensions and also to deal with unconscious conflicts in childhood. **Aim:** To search the literature for evidence regarding the influences of pretend play and the creation of imaginary friends on neuropsychiatric manifestations. **Methods:** Integrative literature review in the LILACS, MEDLINE, PubMed, and CINAHL databases of publications from the last 10 years. The descriptors used were: "Imaginary Friend," "Childhood Imagination," "Pretend Play," "Child Development," which were combined to narrow the search. **Result:** Six articles were selected at the end of the search process. The year 2021 was the most prevalent, with 50% of the publications. Regarding the country of origin of the studies, 50% were conducted in Brazil, followed by studies in Spain, the United States, and the United Kingdom. Concerning the influence of pretend play and the presence of imaginary friends, there are no deleterious effects; on the contrary, children who are more playful and creative in terms of fantasy exhibit better inhibitory control, cope better with adversities, and are not among those whose complaints lead parents to seek psychiatric and/or psychological assistance. **Conclusion:** This study provide an explanatory contribution to society, which still lacks an understanding of the role of imaginary friends in child development and the involvement of parents in a child's symbolic play.

Keywords: Imaginary Friend, Childhood Imagination, Pretend Play, Child Development.

Data de submissão: 27 de agosto de 2023 Aceito na versão final: 29 de setembro de 2023.

INTRODUÇÃO

A ficção assume muitas formas para as crianças pequenas, incluindo histórias e faz de conta. Na prática, esses diferentes tipos de ficção são frequentemente combinados, como quando as crianças incorporam narrativas conhecidas em suas brincadeiras e os professores usam histórias como inspiração para atividades lúdicas em sala de aula (Welsch, 2008). As histórias podem ser de natureza realista ou, como ocorre com frequência, podem incluir elementos de fantasia. Cerca de 80% dos livros infantis contêm temas fantásticos; quando incluímos televisão e filmes, a taxa de conteúdo de fantasia salta para 91% (Goldstein; Alperson, 2019). No entanto, as evidências são escassas e muitas vezes contraditórias sobre como o conteúdo de histórias de fantasia e de faz de conta influenciam a cognição das crianças (White; Carlson, 2021).

Amigos imaginários são elaborações simbólicas que as crianças utilizam para aliviar tensões emocionais e administrar conflitos inconscientes desde a primeira infância. A criança estabelece funções positivas e negativas para esses personagens. Isto depende dos conteúdos do inconsciente que se expressam de forma sintomática e buscam reformulação, influenciando assim a cognição e o desenvolvimento da criança e, portanto, a forma como ela interpreta a realidade.

No nível mais básico, as habilidades de função executiva estão ligadas à ficção por um cronograma de desenvolvimento compartilhado: nos anos pré-escolares, as crianças são expostas a uma grande variedade de temas de fantasia em livros, televisão e jogos (Goldstein; Alperson, 2019) e a brincadeira de faz de conta está em pleno andamento (Singer; Singer, 1990). Evidências mais diretas vêm de estudos experimentais e de treinamento. Por exemplo, Thibodeau e colegas (2016) realizaram uma intervenção de controle randomizado de 5 semanas para avaliar os efeitos da brincadeira de faz de conta dramática nas habilidades de função executiva. As crianças foram designadas para se envolverem em brincadeiras de faz de conta (por exemplo, fingir uma viagem à lua), brincadeiras sem faz de conta (por exemplo, jogos de bola, colorir) ou um grupo de controle sem tratamento. A representação de personagens fictícios também pode melhorar as habilidades da função executiva e outras habilidades relacionadas. Em comparação com os controles, as crianças que fingiram ser personagens como Batman, Super-Homem ou Rapunzel apresentaram maior flexibilidade cognitiva, perseverança, atraso na gratificação e regulação da emoção. Esse crescente conjunto de evidências sugere que os contextos ficcionais podem ser poderosos facilitadores das habilidades de função executiva. No entanto, permanece a questão de quais aspectos dessas atividades ficcionais são responsáveis pelos ganhos nas habilidades de função executiva. Em cada caso, a ficção era fantástica e apresentada dentro de um contexto (Karniol et al., 2011; White; Carlson, 2016; White et al., 2017).

Desta forma, o presente estudo objetiva verificar na literatura as influências do brincar de faz de conta e criação do amigo imaginário nas manifestações neuropsiquiátricas.

MÉTODOS

No presente estudo foi conduzida uma revisão de literatura, que consiste em uma pesquisa que permite a partir de evidências a avaliação, síntese e conhecimento acerca de um fenômeno, objetivando produzir uma visão geral de conceitos complexos, teorias ou problemas de saúde relevantes a partir de estudos pré-existentes, possibilitando a proposição de intervenção (Galvão et al., 2004; Whittemore; Knafl, 2005; De Sousa et al., 2011).

Portanto, neste estudo optou-se por realizar busca sobre os conceitos: Amigo Imaginário; Imaginação infantil; Brincar de faz de conta; Desenvolvimento infantil. A partir desses conceitos, definiu-se a questão norteadora: Quais as influências do brincar de faz de conta e criação do amigo imaginário no desenvolvimento infantil e manifestações neuropsiquiátricas?.

Após a formulação da questão a ser pesquisada, foi realizado um levantamento bibliográfico na plataforma PubMed, Scielo e busca ativa. O levantamento do estudo ocorreu entre 29 de março de 2023 a 08 de julho de 2023. E a seleção dos textos procedeu com as buscas nas plataformas, utilizando os filtros nelas disponíveis para textos publicados entre 2013 e 2023. Para seleção das publicações, foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos, publicados no idioma Inglês, Português e Espanhol, entre os anos de 2013 a 2023, disponíveis online e gratuitamente na íntegra. Foram excluídos os artigos sem resumo na base de dados ou incompletos, editoriais, cartas ao editor e estudos reflexivos.

Após a definição da questão norteadora, localização e seleção dos artigos, foram identificadas 338 publicações potencialmente elegíveis para serem incluídas nessa revisão. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão a amostra foi composta por 88 publicações, foram analisados os resumos de 30 registros, para verificar se atenderiam os critérios de elegibilidade e se responderiam à pergunta que norteia esta revisão, assim excluiu-se 17 registros e somente 6 foram analisados na íntegra para confirmar a elegibilidade para a síntese quantitativa e análise dos dados conforme o fluxograma de seleção (figura 1).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No espaço de tempo delimitado para a realização deste estudo (2013-2023) foram encontradas e analisadas 6 publicações. Em 2021 foram publicados 3 artigos (50%), seguido pelo ano de 2018 com 2 publicações (33,3%) e o ano de 2016 com 1 artigo (16,7%).

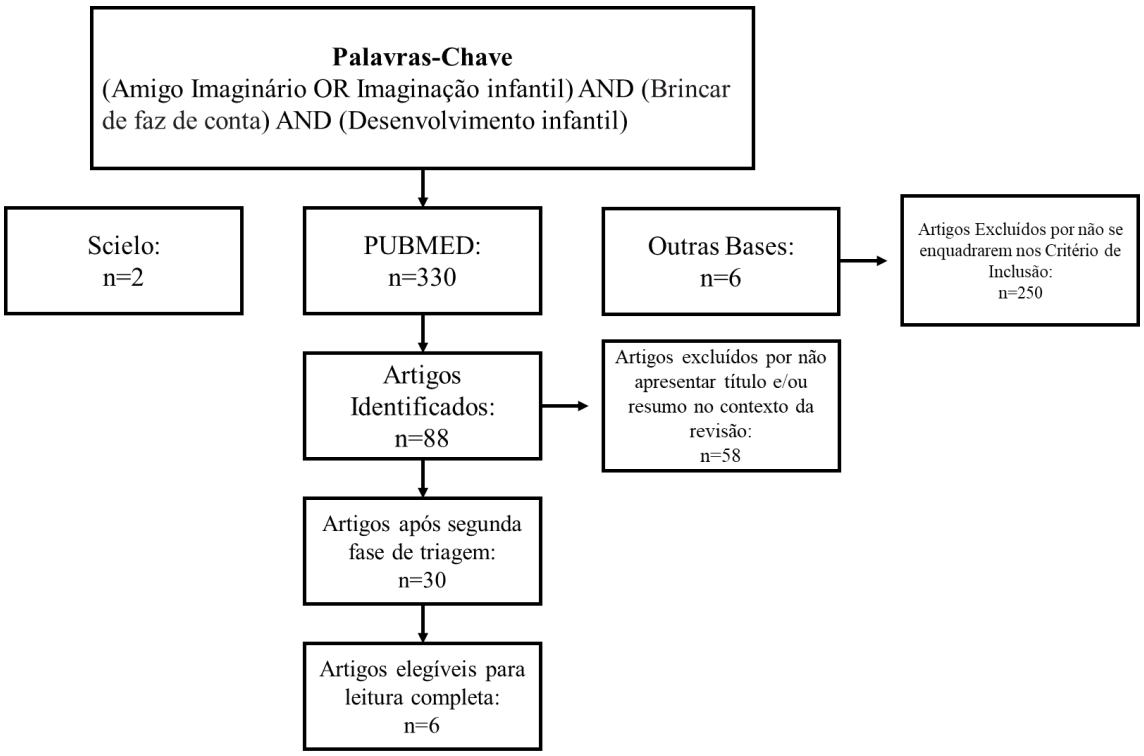
De acordo com a metodologia dos trabalhos selecionados os tipos de estudo eram pesquisa clínica com estudos observacionais, estudo clínicos randomizados e revisões.

As publicações resultaram de diferentes revistas sendo: Psicologia em Estudo; Psicologia: Teoria e Pesquisa; Children; Psicologia em Revista; BMC Psychology e Journal of Experimental Children Psychology.

Analisando os locais de estudo 3 artigos foram realizados no Brasil (50%), 1 artigo na Espanha (16,66%), 1 artigo desenvolvido no Reino Unido (16,66%) e 1 artigo nos Estados Unidos da América (16,66%).

No estudo de White e Carlson (2021), que investigaram o papel do conteúdo da história (fantasia ou realidade) e o modo de envolvimento com a história no controle inibitório das crianças, um componente importante da função executiva inicial. Foram avaliadas 60 crianças de 3 anos de idade, distribuídas aleatoriamente para ouvir uma história realista ou fantasiosa e foram incentivadas a participar de uma atividade pretensiosa ou não pretensiosa relacionada à história. Em seguida, eles realizaram um teste de controle inibitório. O conteúdo da história não teve impacto sobre o controle inibitório das crianças; elas tiveram o mesmo desempenho depois de ouvir uma história realista ou fantástica. No entanto, as crianças que se envolveram em uma brincadeira de faz de conta relacionada à história apresentaram maior controle inibitório do que aquelas que se envolveram em uma atividade não relacionada à fantasia. Esses resultados se mantiveram próximos à linha de base para controle inibitório, o vocabulário receptivo, a idade, o gênero, o afeto e a propensão ao fingimento. Portanto, o modo de envolvimento lúdico com uma história foi mais importante para promover as habilidades de controle inibitório das crianças do que o grau de realismo da história.

Figura 1 - Fluxograma de Seleção das Publicações.



A ansiedade e a depressão dos pais têm sido associadas a mudanças nas interações entre pais e filhos. Embora as brincadeiras constituam uma parte importante das interações entre pais e filhos e ofereçam oportunidades críticas de desenvolvimento, pouco se sabe sobre como a ansiedade e a depressão dos pais estão relacionadas às brincadeiras entre pais e filhos. Desta forma, Rao e Cols (2021) reportam que a ansiedade e a depressão materna estão associadas a menos brincadeiras de faz de conta durante a interação entre mãe e filho. A brincadeira de faz de conta da mãe pode ajudar a reduzir os riscos de problemas comportamentais da criança, sugerindo que a brincadeira pode ser um mecanismo pelo qual a saúde mental materna influencia o desenvolvimento das crianças.

Em estudo de revisão conduzido por González-Sala e Cols (2021), os autores sumarizam que as crianças com transtorno do espectro autista (TEA) têm mais dificuldades com o jogo simbólico do que as crianças com outros distúrbios do neurodesenvolvimento e as crianças com desenvolvimento típico, mesmo quando controlam a idade verbal. As dificuldades são maiores em situações de brincadeiras livres ou espontâneas. Os resultados evidenciaram que a ausência ou deficiência no jogo simbólico pode servir como um indicador precoce do TEA entre o primeiro e o segundo ano de vida, momento do desenvolvimento em que esse tipo de jogo se inicia.

A presença de amigos imaginários na vida das crianças é algo comum, saudável e positivo. No estudo de Marion et al. (2018), essa concepção estava igualmente presente nos relatos de todos os profissionais psicólogos e psiquiatras entrevistados, juntamente com o entendimento de que a criança pode encontrar no mundo do faz de conta um recurso para lidar com fatores estressores presentes no ambiente onde vive. Ao contrário do esperado, o fenômeno não se faz tão frequente nos consultórios psiquiátricos e raramente aparece nos psicológicos. Tal padrão pode se dever ao fato de que esses companheiros imaginários despertam poucas preocupações nos cuidadores, uma vez que o fenômeno não é citado como motivo de procura para os atendimentos clínicos. Geralmente essa fantasia aparece por meio do discurso dos pais no decorrer do tratamento, podendo denotar uma simples informação ou questionamento sobre a criação desse fenômeno ser saudável ou não. O discurso dos profissionais indicou que estes não entendem que a interação com amigos imaginários são motivos de procurar por tratamento. Eles diferenciavam o fenômeno de sintomas como alucinação e delírio, os quais são comuns à psicose infantil. Ainda assim, os profissionais apontaram a importância de se investigar essa interação, a fim de se compreender se essa fantasia se faz presente pela própria diversão que essa interação proporciona ou se a criança faz uso dela como suporte para lidar com alguma situação real.

Segundo Benincasa Velludo e Souza (2016), as características reportadas dos amigos imaginários foram diversas (i.e., aparência física, tipo, idade, há quanto tempo são amigos) e as suas funções estavam associadas a diferentes necessidades, como companhia, diversão ou conforto emocional. Embora a maioria dos responsáveis tenha associado o fenômeno ao exercício da imaginação, alguns acreditavam que a experiência poderia representar problemas, como, por exemplo, a perda de contato com a realidade, ou a influência de entidades maléficas. Ainda sugerem que o fenômeno se associa a um vocabulário receptivo mais desenvolvido e não é indicativo de déficits em desenvolvimento sociocognitivo (Benincasa Velludo; Souza, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, o presente estudo verificou que incentivar o fazer de conta com base em histórias realistas e fantásticas melhorou o controle inibitório das crianças. Dessa forma, ele dá suporte à visão de longa data de que o fingimento pode facilitar o desenvolvimento de habilidades de autorregulação nos primeiros anos de vida. A ansiedade e a depressão maternas estão associadas a menos brincadeiras de faz de conta durante a interação entre mãe e filho. A brincadeira de faz de conta da mãe pode ajudar a reduzir os riscos de problemas comportamentais da criança. Apresença do amigo imaginário estava associada a diferentes necessidades, como companhia, diversão ou conforto emocional. Todavia, mais estudos acerca do tema são necessários com populações

neurodivergentes para melhor entendimento das influências da brincadeira de faz de conta e a criação do amigo imaginário para o desenvolvimento infantil nestas populações.

REFERÊNCIAS

Benincasa Velludo, N. Souza, DH. “Ele me deixava especial”: amigos imaginários, suas funções e atitudes parentais. Psicologia em Estudo, 2016; 21(1): 115-126.

Benincasa Velludo, N. Souza, DH. Amigos Imaginários: Contribuições para o Desenvolvimento Infantil. Psic.: Teor. e Pesq.; 2018, v. 34, e3432.

De Sousa LD, Lunardi Filho WD, Lunardi VL, Santos SS, Dos Santos CP. The nursing scientific production about the clinic: an integrative review. Rev Esc Enferm. USP. (SP) [Internet]. 2011, Apr. [acesso em: 20 abr 16]; 45 (2): 494-500.

Galvão CM, Sawada NO, Trevizan MA. Systematic review: a resource that allows the incorporation of evidence into nursing practice. Rev Latino-am Enfermagem. [internet]. 2004 [citado 2017 ago. 10];17(4):758-764.

Goldstein, TR; Alperson, K. Dancing bears and talking toasters: A content analysis of supernatural elements in children’s media. Psychology of Popular Media Culture. Advance online publication. 2019. DOI: 10.1037/ppm0000222

González-Sala F, Gómez-Marí I, Tárraga-Mínguez R, Vicente-Carvajal A, Pastor-Cerezuela G. Symbolic Play among Children with Autism Spectrum Disorder: A Scoping Review. Children (Basel). 2021 Sep 12;8(9):801.

Karniol R, Galili L, Shtilerman D, Naim R, Stern K, Manjoch H, Silverman R. Why superman can wait: cognitive self-transformation in the delay of gratification paradigm. J Clin Child Adolesc Psychol. 2011;40(2):307-17.

Marion, J; Londero, AD; Pereira, CRR; Souza, APR. O amigo imaginário na visão de psicólogos e psiquiatras infantis. Psicologia em Revista, 2018; 24(3): 812-833.

Rao Z, Barker B, O'Farrelly C, Ramchandani P. Maternal anxiety and depression and their associations with mother-child pretend play: a longitudinal observational study. BMC Psychol. 2021 May 7;9(1):70.

Singer DG, & Singer JL. The house of make-believe. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.

Thibodeau RB, Gilpin AT, Brown MM, Meyer BA. The effects of fantastical pretend-play on the development of executive functions: An intervention study. J Exp Child Psychol. 2016 May;145:120-38.

Welsch, JG. Playing within and beyond the story: Encouraging book-related pretend play. The Reading Teacher, 2018; 62(2), 138–148.

White RE, Carlson SM. What would Batman do? Self-distancing improves executive function in young children. Dev Sci. 2016 May;19(3):419-26.

White, RE; Carlson, SM. Pretending with realistic and fantastical stories facilitates executive function in 3-year-old children. J Exp Child Psychol. 2021; 207: 105090.

White RE, Prager EO, Schaefer C, Kross E, Duckworth AL, Carlson SM. The "Batman Effect": Improving Perseverance in Young Children. Child Dev. 2017 Sep;88(5):1563-1571.

Whittemore R; Knafl K. The integrative review: updated methodology. J Adv Nurs, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.